

Gestão de pessoas nos grupos de Idosos: perspectivas ao envelhecer

Josiane Borré

Resumo

O trabalho aqui apresentado traz alguns dados sobre envelhecimento que apontam para a importância de estratégias de gestão que valorizem o bem-estar da população idosa, entre essas, aqui especificamente interessa os grupos de convivência. A partir de uma entrevista com uma professora do Projeto de Extensão ULBRATI (Ulbra Terceira Idade) foi possível pensar em especificidades da gestão de grupos que possam trazer outras perspectivas sobre o convívio e sobre a própria forma de entender a velhice.

Palavras-chave: Gestão, envelhecimento, grupos de convivência.

Abstract

The work presented here brings some data about aging that point to the importance of management strategies that value the well-being of the elderly population, among which, specifically, it concerns the social groups. From an interview with a teacher of the ULBRATI Extension Project (Ulbra Third Age), it was possible to think about the specificities of group management that could bring other perspectives about living together and about the way of understanding old age.

Key words: Management, aging, social groups.

A gestão de pessoas

Quando falamos em gestão pensamos em conceitos como organização, robotização, padronização, conceitos estes que precisamos superar quando abordamos as organizações que buscam outras perspectivas de liderança e participação das equipes, através de uma gestão efetiva de pessoas, com lideranças justas e compartilhadas. A ideia de que a gestão é utilizada somente na área empresarial, ganha agora, outras possibilidades e novos contornos. Hoje a convivência entre as pessoas nas organizações, nas relações sociais e interpessoais estão sujeitas a uma diversidade de pensamentos, culturas, ideias e opiniões. Essa diversidade oportuniza possibilidades de trabalhar a gestão de pessoas para que o grupo ou organização possa aprender a escutar, respeitar e aproveitar a opinião ou ato do outro como uma nova forma de ver as coisas. Este artigo propõe prospectar alguns princípios e procedimentos de gestão para facilitadores com ênfase nos grupos de convivência de idosos.

Os grupos de idosos são de fundamental importância para manter estas pessoas ativas, inseridas socialmente em atividades que beneficiem os aspectos afetivos (ações sociais, visitas, encontros, bailes), os aspectos biológicos (atividades físicas, dança), e os psicológicos (convivência, autoestima). A organização, a rotina e até mesmo as atividades que não são sistemáticas ou obrigatórias, colaboram para que os idosos sintam-se inseridos na sociedade, mantenham-se informados, ativos, para que se sintam valorizados, úteis e saibam o que acontece em seu entorno.

O Envelhecimento

De acordo com Zim e Gutierrez (2008) o envelhecimento e a morte são fenômenos próprios da vida, e que as formas de enfrentar este assunto são variáveis e dependem de cada ser humano. Os idosos convivem ainda com crenças sociais que supervalorizam os pontos negativos da velhice, o que muitas vezes, esconde uma fase marcada por ganhos e experiências compensatórias. Alguns órgãos pesquisam e mapeiam as questões relacionadas ao envelhecimento já que a cada ano, estamos caminhando para um mundo de uma população idosa e que inspira um olhar para o futuro. As

necessidades de convívio e interação na sociedade desta população são essenciais e biologicamente fundamentais na manutenção do bem estar e da qualidade de vida de cada uma destas pessoas.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU)¹, estamos enfrentando um processo de envelhecimento mundial, ou seja, em todos os lugares a população de idosos está aumentando a cada dia, que segundo o órgão é um processo demográfico único e irreversível. Isto acontece porque a taxa de fertilidade diminui em relação à proporção de indivíduos com mais de 60 anos, que em 2011 representavam 841 milhões, e este número está em processo de crescimento desde 2007 e até 2050 será duplicado, e em 2050 irá triplicar alcançando dois bilhões de pessoas idosas. A ONU ainda calcula que o número de pessoas acima de 80 anos irá quadruplicar chegando a 400 milhões na maioria dos países em 2050. Estes dados são confirmados pela Organização Mundial da Saúde que ainda acrescenta que em 2020 pela primeira vez em todo o mundo teremos a população de idosos (maior de 60 anos), maior que o de crianças de até cinco anos.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos dados da sua última pesquisa em 2011 anuncia que no Brasil somam-se 23,5 milhões de brasileiros acima de 60 anos, número que dobrou desde os últimos registros em 2001 quando a população de idosos era de 15,5 milhões. Em estudo recente da FEE se verifica a confirmação desta tendência na distribuição da população por faixas etárias quando se observa o índice de idosos² no RS, esse índice aumentou de modo muito significativo: passou de 27,61% em 2000 para 44,61% em 2010, e em todas as mesorregiões foi observado o mesmo fenômeno.

O Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial da Saúde, recomenda mudanças incisivas na formulação de políticas em saúde e prestação de serviços de saúde às populações que estão envelhecendo. Este relatório baseia as suas recomendações na análise das

¹ <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/> Acessado em: 04/06/2017.

² Este índice é obtido quando é medida a proporção entre o número de pessoas com mais de 65 anos de idade e o número de jovens abaixo de 15 anos de idade, de modo que, quanto mais elevado o índice maior é o envelhecimento da população.

mais recentes evidências a respeito do processo de envelhecimento, e observa que percepções e suposições comuns sobre as pessoas mais velhas são baseadas em estereótipos ultrapassados e busca avançar o debate sobre a resposta de saúde pública desta população em direção a um território muito mais amplo reconhecendo o envelhecimento da população como uma preciosa oportunidade tanto para os indivíduos mais velhos como para as sociedades.

As necessidades de um idoso

Diante destes dados observa-se que para atender as necessidades dos idosos para um envelhecimento mais saudável é necessário olhar para o próprio futuro e deslocar-se das perspectivas e estereótipos que recaem sobre eles. Sendo assim Teixeira e Neri (2008) citam em uma publicação no periódico *The Gerontologist*, sobre os fatores que contribuem para que o processo de envelhecimento torne-se prazeroso, nele encontramos o termo “envelhecimento bem sucedido” que foi utilizado em 1961, e em 1987 Rowe e Kahn propuseram que houvesse a distinção entre envelhecimento típico e envelhecimento bem sucedido. Estudos posteriores ainda avaliaram que o bem estar seria um critério essencial para a velhice bem sucedida, também a prevenção da morbidade até o ponto mais próximo a morte ainda complementa que envelhecer com saúde refere-se a um conceito pessoal onde o planejamento deve ser focalizado na historia do individuo, em seus atributos físicos e nas expectativas individuais, trazendo um conceito de jornada e não de fim. A aceitação das mudanças fisiológicas também são características de um envelhecimento saudável.

Franck e Junior (2005) afirmam que cinco fatores são recomendados para manterem a saúde do idoso: vida independente, casa, ocupação, afeição e comunicação, podendo ter a qualidade de vida comprometida caso algum desses fatores estejam deficientes.

Outra visão relacionada ao envelhecimento são as crises de identidade causadas pelo não acompanhamento das inúmeras mudanças que ocorrem nesta fase da vida dos idosos. Segundo Gaspari e Schwartz (2005) numa sucessão de acontecimentos como uma reação em cadeia a baixa autoestima

e as inseguranças quanto sua própria identidade reflete diretamente na autonomia, liberdade, no convívio social afetando a frequência a qualidade dos relacionamentos interpessoais e vínculos afetivos, sendo então imprescindível que se façam ações educativas de planejamento para que sejam elaboradas e incorporadas novas atitudes de reencontro e reedificação da identidade do idoso, reforçando a importância das relações com o outro e com o mundo reconstruindo autoimagem e autoestima. Outros fatores chamam a atenção para o bem-estar dessa população quando Tomasi e Alves (2007) trazem as questões de ambiente físico, e que a condição do envelhecimento exige que ao pensar uma construção não somente saber como ela será construída, saber qual será sua função e como irá satisfazer as exigências ou necessidades dos usuários. O processo de envelhecimento modifica profundamente as relações do indivíduo com o seu ambiente, pois o mesmo nem sempre promove um estilo de vida adequado trazendo a preservação da capacidade funcional e da autonomia. Frente a esses dados e também frente a importância do contexto do envelhecimento, os grupos de convivência se apresentam como possibilidade de um envelhecer saudável, mas na organização destes grupos como é a participação dos idosos nas tomadas de decisões e resoluções de conflitos? Para tentar responder, mesmo que provisoriamente, por se tratar de algo complexo e pelo grande número de grupos de convívio, com indivíduos que estão sujeitos a muitos fatores que implicam nas relações destes com os grupos que frequentam, devido as suas diferentes especificidades, este trabalho vai focar apenas um determinado grupo. Dessa forma pretende dar visibilidade às singularidades, as especificidades, e não às semelhanças deste com outros. Guita Grin Debert, a consequência, das “tentativas de homogeneização das representações da velhice são acionadas e uma nova categoria cultural é produzida: as pessoas idosas, como um conjunto autônomo e coerente que impõe outro recorte à geografia social, autorizando a colocação em prática de modos específicos de gestão”.

Metodologia

Alguns aspectos do envelhecimento não podem ser quantificados, tentar entender as formas de gestão e a dinâmica e das relações sociais que se

estabelecem nos grupos de convivência de idosos é lidar com um vasto universo de vivências e significados, que não podem ser reduzidos. Respeitando o caráter interativo dos dados obtidos nas leituras dos relatórios trazidos no início do texto, com os dados que foram obtidos através de uma pesquisa semiestruturada feita com uma professora do Projeto de Extensão ULBRATI³ (Ulbra Terceira Idade), de modo exploratório elaboro a questão, que norteia este estudo: De que forma se dá a participação dos idosos nas decisões e organização e na resolução de conflitos desse determinado grupo de convivência? As perguntas da entrevista foram as seguintes: 1) Há quanto tempo trabalha com grupos de idosos? 2) Quais as atividades desenvolvidas com os idosos de seu grupo? 3) Como é realizado o acesso do idoso ao grupo e como é garantida a sua permanência? 4) De que forma se dá a participação dos idosos nas decisões e organização do grupo? 5) Como você é visto pelo grupo com o qual trabalha (Líder, gestor, parte integrante)? Como você é visto pelo grupo com o qual trabalha (Líder, gestor, parte integrante)? Qual o impacto de sua atuação junto ao grupo na vida destas pessoas? Como é tratado o gerenciamento de conflitos no grupo? As perguntas da entrevista procuraram situar o tema, e assim obter uma descrição da situação e dados que pudessem ser analisados sobre a forma como se dá a participação dos idosos e pensar possibilidades sobre a gestão de grupos de convívio.

Descrição e análise dos resultados

A professora entrevistada trabalha com o grupo de idosos há 11 anos. As atividades oferecidas na ULBRATI são ginástica, dança, caminhada, informática, coral, teatro, e aulas informativas em geral. O acesso ao grupo se dá por ordem de inscrição até que as vagas sejam preenchidas e a permanência é garantida pela assiduidade. Não pode ter três faltas sem justificativa. A participação dos idosos nas decisões e organização do grupo se dá na escolha das atividades que serão desenvolvidas, estas são sugeridas

³ Grupo de convivência para pessoas de terceira idade, da Universidade Luterana do Brasil, que proporciona atividades como palestras, oficinas, programas culturais e passeios, entre outros. A ULBRATI objetiva proporcionar condições para que o indivíduo da terceira idade retome o convívio social, a autoestima e a motivação para vida e torne-se mais tranquila a adaptação às modificações do envelhecimento, preparando-o psicologicamente ao convívio com a esta etapa da vida.

pelos participantes no final do primeiro e do segundo semestre. Com estas sugestões é feita uma lista de atividades e necessidades que são colocadas no cronograma do grupo. Os encontros são semanais (quartas-feiras, das 14h às 17h). A professora considera que é vista como líder pelo grupo, apesar “de a parte administrativa” não ser feita por ela, e sim pela coordenadora do grupo. Ela é a professora responsável pelas atividades físicas, e com ela atuam dois alunos bolsistas. Ela considera que faz a diferença na vida do grupo, visto que atua na manutenção da saúde dos indivíduos e que ouve do grupo relatos de melhoria nas dores, na postura, na animação e vontade de viver. O gerenciamento de conflitos no grupo é tratado através de conversas abertas com todos os participantes, para que eles mesmos ajudem a resolver os conflitos, “assim tiramos os conflitos do armário e os colocamos na roda, de forma transparente”.

Descrição e análise dos resultados

O retorno dado às perguntas traz em sua primeira leitura a questão que Guita Debert traz sobre estes grupos que se formam em Projetos de Extensão, e que deram à discussão do envelhecimento na universidade muita força:

As universidades para a terceira idade são muito diferentes, congregam públicos diversos e com recursos diferentes realizam mais ou menos as mesmas atividades: aulas, conferências, excursões, artesanato, teatro. Mas essa diferença é muito importante, porque dá conteúdos muito diferentes ao processo de envelhecimento. É preciso reconhecer que a velhice não dissolve a segmentação por classe social e pelas outras clivagens sociais que marcam a população. (DEBERT, 2005. P.107)

As discussões sobre o envelhecimento promovem também outras formas de funcionamento nos grupos de convívio. Nesse grupo especificamente, a valorização da escolha das atividades feita pelos próprios participantes evidencia uma escuta por parte dos facilitadores. A gestão do grupo fica compartilhada, descentralizada e a responsabilidade com a execução do cronograma é dessa forma um compromisso de todos. A forma de acesso ao

grupo aponta para um regramento, que procura dar espaço para todos os interessados que podem ser contemplados com o número de vagas disponível, e também responsabiliza os indivíduos na manutenção da vaga e na permanência no grupo. A gestão, entendida como uma “parte administrativa” é expressa na forma como a professora percebe sua função de líder no grupo, juntos aos seus participantes.

Conclusões e Considerações finais

A gestão do grupo de convívio é compartilhada não apenas entre os seus facilitadores, mas também entre os seus participantes, não apenas na escolha das atividades, mas também na forma como os conflitos são resolvidos, onde as responsabilidades são compartilhadas. Mesmo que a gestão ainda seja percebida como algo que é específico do profissional que detenha o perfil administrativo, ela efetivamente acontece nas relações que se estabelecem entre os facilitadores e os participantes, nas resoluções dos conflitos que se apresentam, nas regras que são criadas para garantir o acesso e permanência dos idosos. A gestão se dá ao entender que a função do grupo não é assistencialista ou dependente da homogeneizadora imagem de velhice incapaz, mas que se produz na busca de transparência nas questões a serem resolvidas e que para a sua resolução necessitam do envolvimento e participação de todos.

Referências

D'AQUINO OLIVEIRA TEIXEIRA, Ilka Nicéia; LIBERALESSO NERI, Anita. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicologia USP**, v. 19, n. 1, 2008.

TOMASINI, Sérgio Luiz Valente; ALVES, Simone. Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 4, n. 1, 2007.

MESQUITA BARROS FRANCHI, Kristiane; MAGALHÃES MONTENEGRO, Renan. Atividade física: uma necessidade para a boa saúde na terceira idade. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 18, n. 3, 2005.

GÁSPARI, Jossett Campagna de; SCHWARTZ, Gisele Maria. O idoso e a resignificação emocional do lazer. **Psicologia: teoria e pesquisa**, p. 069-076, 2005.

Formada em Educação Física pela FACOS (Faculdade Cenecista de Osório), Pós Graduada em Dança e Consciência Corporal pela Faculdade Estácio de Sá, Pós Graduada em Gestão de Pessoas com Foco em Coaching. josiborre@gmail.com

ZINN, Gabriela Rodrigues; GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello. Processo de envelhecimento e sua relação com a morte: percepção do idoso hospitalizado em unidade de cuidados semi-intensivos. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v. 13, n. 1, 2008.

DUTRA, Joel Souza; VELOSO, Elza Fátima Rosa; DE AMORIM, Wilson Aparecido Costa. DE. Gestão de Pessoas: Projetando Desafios e Tendências para 2015. **VI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD**, p. 1-17, 2010.

PEÇANHA, Liana Caron Nazaret et al. Âncoras de carreira e relações com estabilidade e qualidade de vida pessoal: um estudo com alunos do curso de gestão de pessoas. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)**. ISSN 2237-1427, v. 1, n. 2, 2011.

Dados do Rio Grande do Sul

http://web.observatoriodasmetrolopes.net/download/DEMOGRAFIA_RGS_E_RMPA%202000_2010.pdf

Plano de ação internacional sobre o envelhecimento

http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf

Relatório mundial de envelhecimento e saúde

<http://sbqq.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>